

A pergunta por Deus em uma era pós-teísta

Marie Veit

Antepenho a esta palestra duas teses que serão explicitadas no texto que segue:

1. A era do teísmo vai chegando ao fim. O motivo que leva a isso não é a campanha militante feita contra ele (como p.ex. no marxismo primitivo), mas o desaparecimento de sua base material na relação do homem com o mundo.
2. Para a fé cristã este fato não representa um desastre, mas a chance de readquirir o *proprium* cristão no discurso a respeito de Deus. Teísmo e ateísmo encontram-se igualmente distanciados da fé. Até agora ela teve uma formulação (mono)teísta por motivos de mera contingência histórica. A nova formulação da fé deve ter seu ponto de partida na cruz.

1.

Com a primeira de minhas teses não estou dizendo nada de novo; mesmo assim gostaria de descrever, mais uma vez, este conhecimento há muito existente. Não parto, porém, da literatura teológica especializada, na qual existe uma intensa discussão a respeito de Deus desde que Bonhoeffer rejeitou a "hipótese de trabalho Deus" e desde que surgiram as obras de Robinson "Deus é diferente" (Honest to God), de Dorothee Sölle "Stellvertretung" e da teologia-da-morte-de-Deus nos Estados Unidos. Parto "de baixo", do não-especialista, do homem de nossos dias para o qual não é evidente que "exista um Deus". Dentre as muitas coletâneas de ditos infantis a respeito do tema, escolho um que evidencia, da maneira mais simples possível, o ponto de partida espiritual de crianças que crescem despreocupadamente ateístas. Escolho a pergunta de uma aluna de 6ª série: "Como foi que os seres humanos chegaram à idéia de que deva existir um Deus?"

Sim, como foi que chegaram a isso? A história das religiões nos ensina que durante séculos o aceitar divindades era algo que

fazia parte do bem comum do pensamento humano. Excetuando-se a época mais primitiva, que ainda pode ser estudada em alguns poucos resíduos de culturas primitivas, na qual ainda não se pressupunha deuses, mas uma "força" (mana) impessoal, perigosa e todo-poderosa que se manifestava em acontecimentos extremamente horripilantes ou felizes, que estava presente em coisas extraordinárias, lugares, pessoas, transformando-as, para simples mortais, em "tabu" – excetuando-se esta época mais primitiva, até hoje a humanidade sempre foi "teísta". Poli-, heno-, monoteísmo, por vezes também – como expressão de seres humanos altamente civilizados –, panteísmo são diversas formas de expressão da convicção de que Deus determina o mundo e os seus destinos. Neste sentido a Bíblia, com seu pensamento, sem dúvida teísta, não faz frente à história do resto da humanidade, mas faz parte dela.

Devemos observar que uma tal cosmovisão foi coisa natural durante milênios. Para tanto não havia a necessidade de uma piedade especial ou de uma fé pessoal convicta. É certo que havia "sacrílegos" que faziam pouco caso das limitações impostas pelos deuses e que faziam e diziam o que queriam. Mas eles não eram os representantes de um sentimento generalizado ou pelo menos um pouco difundido; eram a exceção (vista com horror). Generalizado e comum era o fato de que os deuses deveriam ser reverenciados; as religiões com seus preceitos eram o fator de unidade no pensamento e na escala de valores de toda sociedade.

É somente na sociedade industrial que a coisa muda. Se nos Estados Unidos apenas cerca de 50% da população pertence a uma comunidade religiosa, – se nos países da Europa ocidental e central esta percentagem é muito mais elevada, mas o número daqueles que sinceramente aceita a existência de Deus está longe de ser igual ao número dos que são membros da Igreja, – se em grandes grupos do mundo industrial do ocidente e em Estados inteiros do mundo oriental se parte, oficialmente, de pressuposições ateístas, então este fato é uma novidade na história da humanidade. A sensibilidade para esta novidade (assustadora) também quer ser ouvida no início da era pós-teísta: O "discurso do Cristo morto ... de que não há Deus" de Jean Paul, o "homem louco" de Nietzsche com seu "Deus está morto!" evidenciam isso.

A situação modificada se evidencia, p.ex., no fato de se reagir de maneira completamente diferente frente a catástrofes da natureza do que em tempos teístas. Se outrora eram castigos de Deus frente aos quais tinha-se que officiar missas penitenciais, fazer procissões, promessas (construir, p.ex., uma igreja ou estabelecer as Encenações de Oberammergau), hoje a primeira pergunta é: o que é que se pode fazer contra isso (técnica e politicamente)?

Ressaca em Hamburgo: Quem é que não esteve atento? Será que em tempos antigos não podiam supor que os diques não eram o suficientemente altos? Terremoto na Pérsia: Auxiliem todos, façam doações em dinheiro, cobertores, roupas! Quando se conseguiu encontrar e, posteriormente, libertar os mineiros presos em Lengede (Alemanha) com o auxílio de um extraordinário feito técnico, o jornal BILD trouxe a manchete: "Deus também auxiliou" (Originalmente a formulação da manchete deveria ter sido: Deus também fez perfurações); mas será que esta manchete reproduziu os sentimentos dos homens de nossos dias? Quem pôde observar, através da televisão, com que olhares de desprezo eram olhados os bispos que, paramentados, passaram pela multidão dos familiares dos mineiros aprisionados, dirigindo-se ao local das operações de salvamento, – quem pôde observar isso será de outra opinião no tocante à maioria de seus contemporâneos. Isso ainda não significa que eles tinham um pensamento expressamente ateu, mas que eles dão primazia a uma solução técnica da catástrofe antes de qualquer pensamento em Deus.

A causa dessa mudança central é a experiência do homem da era industrial de que ele, com o auxílio da ciência e da técnica, é mais forte que a natureza. Enquanto que todas as gerações anteriores vivenciaram o ser humano como um ser dependente, submetido e entregue às forças da natureza, – enquanto experimentavam em seu trabalho cotidiano, como agricultores, pescadores, caçadores e artesãos, que o homem deve se acomodar ao que encontra na natureza, o homem da era industrial faz a experiência inversa: as forças da natureza estão a seu dispor, ele descobre suas relações, usa-as, modifica seu ambiente rapidamente, descobre novas matérias primas e fontes energéticas, onde as que estão a seu dispor são insuficientes. É certo que ele ainda não domina todos os problemas que a natureza lhe oferece, sua ação, inclusive, cria novos problemas, p.ex. a poluição, mas também estes transformam-se, imediatamente, em novas tarefas; eles não deixam a roda voltar para trás. A costumeira formulação: "Isso ainda não se sabe" evidencia que aqui está incluída a superioridade do homem.

Com isso, porém, destrói-se a base daquele teísmo natural da era pré-industrial, no qual, durante séculos, se espelhava o sentimento de dependência do homem frente à natureza. Seu lugar foi tomado por um ateísmo latente (não anti-teísmo), na maioria das vezes inagressivo, natural. Ele fornece o aroma da nossa época, assim como o teísmo fornecia o do passado.

2.

O posicionamento das igrejas e da teologia frente ao avanço da era industrial está determinado, principalmente, pela rejeição do novo e por tentativas apologéticas de salvar o teísmo tradicional. Desde Karl Barth ("O ser supremo... nada tem a ver com Deus")(1) ficou mais evidente que teísmo e fé em Deus, no sentido bíblico, não são a mesma coisa; afinal de contas, "fé" jamais foi algo natural, já no Novo Testamento podemos ler que o diabo, do qual, certamente, não se pode afirmar que tinha "fé", é monoteísta (Tg 2,19). Mui facilmente, porém, também tais diferenciações adquirem caráter apologético, como se, no final de contas, tudo girasse em torno da tentativa de salvar uma forma de pensamento (a teísta depurada, protegida, não formulada!). Por isso não quero, também nesta segunda parte, partir de "cima" da teologia clássica, mas de "baixo", do sentimento do ser humano de nossos dias. Faço, novamente, uso de uma afirmação de um aluno, desta vez da 7ª série: "Se Deus realmente está aqui e tudo pode, por que é que Hitler pode fazer tudo o que quer? Deus poderia impedi-lo!"

Certamente também esta pergunta não traz nada de novo para o leitor: ele a identifica rapidamente com a velha questão da teodicéia, formulada em muitas e mais sutis formulações. Ela é mais antiga que o cristianismo, foi formulada pela filosofia estoíca que também a procurou responder. No que toca à Bíblia sobressai (neste e em outros contextos) uma peculiaridade, da qual penso que é decisiva. Ali a questão da teodicéia quase não é teórica, deparamo-nos com ela na forma de lamento e acusação da parte de pessoas atingidas. "Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?"

A qualidade teológica da questão varia de acordo com a pessoa que a formula: um elemento não atingido, meramente interessado no sistema teológico (amigos de Jó!), ou alguém que participa dos sentimentos (Camus!) ou o próprio sofredor. Este é o mais competente.

Quer me parecer que aqui é muito importante fazer-se uma observação: também o Deus da Bíblia sofre. A pergunta sofrida-acusadora: "Por que, por que?" não é dirigida apenas por homens a Deus, mas também por Javé a Israel (2). Trata-se da pergunta dolorosa do amor que pede, corteja e chama, que nada possui com

(1) *Grundriss der Dogmatik*, (1949), p.24.

(2) Especialmente em Isaías. p.ex. 5.1ss e 1.2s.

que possa forçar o outro a se entregar. É certo que este Javé pode exterminar, em ira incontida, aos que dele fogem; mas, justamente com isso ele **não** chegaria ao seu intento. Lembremo-nos de que "fé" é confiança; se todas as coisas pudessem ser forçadas, esta não. Diante daquilo que lhe é mais importante, o Deus bíblico se transforma no sofredor impotente. É nesta linha que também se encontra a cruz.

Esta concepção de Deus está em plena oposição a do teísmo pré-industrial. Se lá, Deus (ou os deuses) é expressão do domínio sobre os homens – aqui, Deus é "amigo" (3) que não pode dispor, mas que fala, pede e chama. A imagem primitiva da relação de Deus e homem, na Bíblia, não é o domínio, mas a total liberdade de domínio: este Deus se entrega completamente ao homem, assim como o amor (enquanto permanecer amor) se entrega e não domina. "Santo", no teísmo um predicado do caráter todo-poderoso, é na fé bíblica o "cordeiro"!

É estranho que esta visão bíblica central quase não tenha tido conseqüências. A frase de Bonhoeffer: "Somente o Deus impotente pode salvar" (4) parece estar esquecida, pelo menos é muito menos citada do que seus pensamentos a respeito da a-religiosidade do mundo moderno; os pensamentos antigos a respeito do sofrimento de Deus que podemos encontrar na mística alemã ou em Lutero, quase não estão presentes (pelo menos no ambiente protestante alemão). Sim, aqueles lamentos do Javé bíblico são reinterpretados: são transformados em ameaças de um Deus que, magnanimamente, ainda tem, por pouco tempo, paciência, mas que então se vingará caso não encontrar ouvidos atentos. O tema central do cristianismo não passaram a ser as dores do amor que corteja em vão, o desencanto daquele que entregando-se totalmente não encontra reciprocidade, o reconhecimento radical da liberdade do outro, do homem, a ausência de domínio no relacionamento de Deus para com o homem, mas o contrário. A cruz foi esquecida o caráter "todo-poderoso" do deus teísta não.

Não consigo crer que este "esquecimento" tenha motivos meramente intra-teológicos. Não, uma fé que dá ao homem uma tal liberdade, tal fé tinha que se tornar politicamente insuportável assim que o cristianismo começou a se expandir. Será que é um acaso que as comunidades primitivas pretendiam realizar a ausência de domínio também no relacionamento dos cristãos entre si (5), que a igreja

(3) Não se compare apenas Êx. 33.11, mas também a "igualdade de direitos" dos que oram no Antigo e Novo Testamentos, ao tratarem com Deus.

(4) **Widerstand und Ergebung**, p. 242.

(5) Cf. Mt 23.8ss e 2 Co 1,24.

estatal, posteriormente, tenha estabelecido um sistema de domínio o mais rígido possível, com pena de morte para os que se negassem a receber o batismo, mais tarde inquisição, fogueira para os hereges, excomunhão e interdito como meios de domínio? Será acaso o fato de as igrejas territoriais protestantes, nas quais o príncipe também era bispo, haverem encenado um domínio em miniatura, mas nem por isso menos rígido? Por outro lado, será acaso o fato de tantos movimentos "heréticos", que se rebelavam contra o poder da Igreja, haverem intencionado novamente liberdade de domínio também em suas relações internas? Será acaso o fato de eles haverem se transformado nos primeiros representantes de Caritas e do repartir entre irmãos?

Parece que em nossos dias recomeça-se a descobrir, aqui e ali, o tema central cristão do Deus que sofre, p.ex. na formulação de Cardonnel: "Deus não é o caçador, ele é a caça" (6) Onde se pensa assim, surgem imediatamente conseqüências políticas: Em todo ser humano que é torturado, explorado, assassinado, oprimido, perdendo sua liberdade, Deus sofre. Em todo o mundo, não só no Chile, as igrejas se cindem por causa desta questão.

Façamos uma parada e olhemos para trás. Sem o notarmos, orientados pela Bíblia, abandonamos o campo das discussões teóricas ("Existe um Deus ou não?") e chegamos a um outro campo, o campo das discussões concretas. Isso significa que declaramos as questões teóricas teologicamente irrelevantes, quando nada têm a ver com questões decisivas, com o pedido por orientação concreta. Essa idéia não é nova. Ela encontra a sua formulação clássica no Catecismo Maior de Lutero, na explicação do 1º mandamento: "O que significa ter um só Deus, e que se entende por Deus? ... Resposta: ... Naquilo, pois, em que (digo eu) teu coração se prender ou confiar, isso é, efetivamente, teu Deus". Aqui não é formulada a questão teórica (histórico-religiosa) em torno da concepção que se tem de Deus, mas a questão bíblico-teológica que pergunta pela base em que um ser humano (seja qual for a sua concepção a respeito de Deus) se funda em sua vida. Toda pessoa tem um "Deus", a saber, alguém ou alguma coisa que lhe parece ser o mais importante e o em que ele pode mais confiar, no qual ele, portanto, orienta suas decisões concretas (7). Como o futuro aberto faz parte do homem, como sempre existe uma esperança, como sempre existe algo em jogo, ele não consegue viver sem um "Deus". Não

(6) Em: *Gott in Zukunft*. Aufforderung zu einer menschlichen Welt. (München 1969).

(7) Lutero cita o "mammon". poder, relações.

quero discutir se esta é, no caso do teísta, a divindade que faz parte de sua cosmovisão. A sentença de Helder Câmara: "A propriedade, a propriedade, este é o verdadeiro Deus de nossos queridos cristãos, é mais santa que a trindade e a encarnação", evidencia que a análise de Lutero não está superada. Será que princípios como "manutenção da propriedade" e "segurança" são para nós, hoje, mais "Deus" do que – Deus?

Que significa, porém, crer no Deus que sofre? E, o que deveríamos observar se quiséssemos aprender a pregar esse Deus? Ao que tudo indica, temos que aprender a soletrar novamente a cruz. Isso, todavia, não pode significar estudar ou desenvolver, em primeiro lugar, uma teologia da cruz (por melhor que seja). Com isso também ficaríamos no campo da teoria, e, a miséria da cristandade é que ela foi tratada com teorias (doutrinas) como se elas fossem o de que se pode viver. Não, Deus, o Deus bíblico, quer entrar no mundo, transformando-o, ele quer entrar na existência comum e real de homens, isto é, ele não quer entrar apenas em sua "espiritualidade", mas nas estruturas de suas comunidades. Temos, pois, que exercitar, em primeiro plano, um movimento, a desistência de domínio, aprender a viver sem medo daqueles que estão em "baixo".

Para um professor isso significa: aprender de seus alunos. Ele não pode saber, antecipadamente, quem eles são e, muito menos, o que eles querem ser. Eles não lhe pertencem (8). Quando ele lhes quiser ensinar "religião", terá que aprender deles o motivo que os faz sofrer.

Como é possível que aquela alegria natural que a criança tem em querer aprender, fato que cada um de nós pode observar em crianças pequenas, geralmente desaparece durante os anos de escola? Como surge a apatia que pode levar os professores ao desespero? Quando uma aluna da 2ª série do segundo grau perguntou pela existência de Deus, uma outra observou, cheia de tédio, quase que enojada: "Ora, por que falamos disso? No ocidente a gente acredita em Deus, e daí?!" Quem, o que leva jovens de 15 anos a dizer que para eles tudo é "merda", a não ser narcoses ilusórias, dos mais diferentes tipos?

Ou: O que sabe o professor a respeito da vida real de seus alunos, e, a partir de que critérios ele a julga? Elucidativa é a descoberta de um seminário de sociologia da religião: os materiais e as motivações para o ensino religioso, apresentados nos livros e modelos para o ensino, estão quase que exclusivamente orientados

(8) A partir daqui também tem que se dirigir algumas perguntas aos objetivos do ensino: será que eles também não podem ser uma espécie de "dominação"?

na "classe média". O aluno de primeiro grau, começando pela criança, filha de operários, que inicia o fundamental, não consegue se reencontrar neles; seu mundo não aparece.

Ou: O que significa o fato de púberes estarem convictos de viverem em um mundo, no qual não se pode fazer erros"? No qual amor, doação, interesse só podem ser alcançados enquanto nos conseguirmos "afirmar"? Será isso cristão? Também se poderia perguntar: Será que foi amor, doação, interesse aquilo que chegamos a conhecer? O "rendimento", um de nossos deuses, faz com que estejamos sós, assim que falharmos. "Às vezes a gente talvez tenha um amigo que realmente se interesse por nós. Mas isso só vai até que se faça um erro em relação a ele" (9). A coisa mais louca que existe em um mundo dominado pelo medo da necessidade de ter que se afirmar é que as pessoas "rendem" muito menos do que se tudo pudesse ser feito sem medo. O ser humano é e pode muito mais do que a gente o julga capaz, isso se evidencia sempre de novo em sua história. "Temos que aprender a não pôr em perigo o espírito em desenvolvimento da criança, transformando-o na vítima de nossos temores. Se aprendêssemos a deixar viver, o projeto de crescimento já existe" (10): Interpretação do 5º mandamento para o educador de nossos dias!

Alguém talvez gostaria de perguntar: O que isso tem a ver com Deus? Respondo: Isso, no mínimo, tem a ver com aquilo que interessava ao Deus cristão, diferenciando-o dos demais, qual seja, o homem. Se o homem é dominado, descurado, deixado de lado, então não se pode crer em Deus. Se seguirmos uma orientação diferente, começamos a compreender que ele está presente no sofrimento real, muitas vezes mudo, que existe em torno de nós (e em nós), então isso significa um não aos deuses de nosso tempo, um não que não ocorre no campo teórico (onde, sem dúvida, seria menos perigoso). O que foi que Jesus fez, a não ser ocupar-se com o sofrimento (muitas vezes mudo) e para que, senão para isso, foi crucificado?

A teologia da cruz, o centro da compreensão cristã de Deus, recuperou, em nossos dias, um aspecto que por muito tempo, havia perdido. Formulo-o com as palavras da confissão de fé de Ottweiler: "... teve que morrer por ter ido tão longe" (11). O sofrimento do homem Jesus é um sofrimento ativo, surgido "por culpa própria" (cf.

(9) Afirmação de uma aluna do 2º grau.

(10) Erik H. Erikson, *Wachstum und Krisen der gesunden Persönlichkeit* (em: *Identität und Lebenszyklus*, p.122).

(11) Publicado em *Fantasie für Gott*. Gottesdienste in neuer Gestalt. (Stuttgart 1965).

Mc 3,21 ou 8,32!), um sofrimento que não sobreveio, como fatalidade, a um ser humano, mas no qual ele entrou porque agiu, interveio. Na tradição luterana alemã este aspecto falta quase por completo. Se examinarmos os hinos de nosso hinário que falam da confiança, daquele que sofre, em Deus, veremos que temos preponderantemente hinos do homem que sofre "passivamente" ou escritos para ele; ele aceita o que lhe sobrevem. Os hinos combativos da Reforma são uma exceção; eles apresentam o que sofre ativamente, aquele que intervém, que quer conseguir algo e que, por isso, passou a sofrer e viu-se em perigo. Esta tradição também está esquecida. O bom cristão mantém-se calmo, pelo menos entre nós, ele não se opõe à ordem vigente. Aos poucos aprendemos que isso é uma heresia.

Orientação na cruz significa em nossos dias: Agir, agir conjuntamente. A resistência dos cristãos a um mundo desumano tem que se tornar palpável, "luz do mundo" que não está sob o alqueire. Surgiram e surgem em todo o mundo "cristão" grupos que vivem, conjunta e resolutamente, esta resistência. A pergunta pelas características que os distinguem de outras pessoas engajadas, p.ex. de socialistas não cristãos, é uma pergunta teórica, sem sentido, pois a característica do que é cristão não é a teoria. É a presença de Deus ao lado dos que sofrem. Antes de ser expressada, ela tem que ser vivida.